

TEM QUE ENTRAR JOGANDO

Ministro da Agricultura de eventual governo Temer não poderá ser aprendiz e terá de priorizar acordos e crédito, diz Roberto Rodrigues

O ex-ministro Roberto Rodrigues

Um dos primeiros do agronegócio a levantar a bandeira do impeachment da presidente Dilma Rousseff, Roberto Rodrigues, 73, ex-ministro da Agricultura do governo Luiz Inácio Lula da Silva, indica alguns pontos factíveis de serem atingidos por um eventual governo de transição.

O futuro ministro terá de entender do assunto porque não haverá tempo para aprendizes, afirma Rodrigues. Seguro, crédito, acordos bilaterais e tecnologia são objetivos a serem seguidos.

Questionado sobre a possibilidade de assumir o Ministério da Agricultura num eventual governo Temer, Rodrigues respondeu que já deu sua contribuição ao comandar a pasta de 2003 a 2006. Leia entrevista à **Folha**.

★

Folha - O que esperar para o agronegócio de um eventual novo governo?

Roberto Rodrigues - Tocar rapidamente para a frente pontos essenciais ao setor.

Mas esse era também o objetivo de Kátia Abreu, atual ministra da Agricultura.

Kátia vinha fazendo um bom trabalho, mas o governo é fraco e está praticamente paralisado. Ela ficou com ações restritas e mãos atadas.

Em um governo de Michel Temer, o que pode mudar?

Vamos imaginar que o Temer cumpra suas falas.

Quais?

Que não será candidato e que vai arrumar a máquina pública. Ele terá um grande desafio, que é montar uma equipe de primeira linha para tocar o processo para a frente. Um governo de coalizão.

E o cenário do agronegócio?

É essencial que a Agricultura tenha alguém que entre

jogando. Não há tempo para aprendiz. O ministro tem de conhecer bem o setor.

O tempo é curto?

Sim, o tempo é curto, e quem assumir o ministério precisará não só entender do assunto mas ter uma equipe pronta.

Mas esse é o seu perfil? Se convidado, aceita?

Já dei minha contribuição.

Quem poderia ser?

Depende da opção do Temer. Se for pelo Congresso, ele tem gente que se encaixa perfeitamente no cargo.

E fora do setor político?

Ele vai encontrar lideranças jovens, competentes e prontas. Inclusive com experiências de gestão pública e privada.

Quem?

Márcio de Freitas, da OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras), é um bom nome. Conhece todos os meandros do agronegócio e quem atua nesse setor.

Mais alguém nessa linha?

Outra liderança jovem é João Sampaio, ex-secretário de Agricultura em São Paulo, no governo do PSDB. Conhece a administração pública e tem uma base forte.

O que um ministro da Agricultura precisa para atravessar esse período difícil?

Ter tropa. Se for político, terá o apoio do partido. Se for do setor privado, tem que ter uma liderança rural com base nacional.

Qual a importância da equipe?

O tempo é curto. Ministro

e tropa terão de entrar jogando, e com propostas claras.

Então muda tudo no ministério?

“É essencial que a Agricultura tenha alguém que entre jogando. Não há tempo para aprendiz. O ministro tem de conhecer bem o setor

Precisamos ter também uma política comercial respaldada em acordos bilaterais

ROBERTO RODRIGUES
ex-ministro da Agricultura

RAIO-X
ROBERTO RODRIGUES

Nascimento
12 de agosto de 1942,
em Cordeirópolis (SP)

Formação
engenheiro-agrônomo pela
Esalq (Escola Superior de
Agricultura Luiz de Queiroz)
da Universidade de São Paulo

Carreira
ministro da Agricultura entre
1º de janeiro de 2003 e 30 de
junho de 2006 (governo Luiz
Inácio Lula da Silva)

São os pontos básicos?

Precisamos ter também uma política comercial respaldada em acordos bilaterais. O modelo está montado. É só procurar os países com uma lista de produtos.

Mas o que exigir de investimento será difícil.

Será, mas o agronegócio não é o que salva o PIB, o emprego e a balança comercial?

E a pesquisa?

Dá para agir rapidamente. Mas é preciso criar uma rede, com participação da Agricultura e da Ciência e Tecnologia.

O impeachment está consumado?

Não, ainda há muita água para passar debaixo da ponte. Mas, se passar, esses pontos são factíveis para um ministro do governo de transição.

